

M:
C
gi
qu
out.
I

MARCONDES, Danilo. As
armadilhas da linguagem.
Zahar. Rio de Janeiro. 2017

ue me
e per-
nder
do

1. A LINGUAGEM, ESSA DESCONHECIDA: FILOSOFIA, LINGUAGEM, CULTURA

“Quando um homem fala com outro é para que possa ser compreendido.”

JOHN LOCKE, *Ensaio sobre o entendimento humano*

A FILÓSOFA E PSICANALISTA FRANCESA, nascida na Bulgária, Julia Kristeva deu a seu livro de filosofia da linguagem lançado em 1981 o significativo título de *Le langage: cet inconnu* (A linguagem, essa desconhecida). Todos nós sabemos usar a linguagem e a aprendemos espontaneamente. Mesmo os que têm pouca escolaridade sabem utilizá-la. Falam, comunicam-se, são capazes de empregá-la em seu dia a dia de modo razoavelmente eficaz. E, contudo, se perguntarmos a qualquer pessoa (inclusive aos filósofos e aos linguistas) o que é linguagem, veremos que não há uma resposta simples, muito menos única.

Essa capacidade, pode-se dizer, natural de usar a linguagem é o ponto de partida da tese de alguns filósofos e linguistas, segundo a qual a linguagem é inata ao ser humano. Ou seja, seus elementos essenciais, que posteriormente são desenvolvidos, estariam presentes na natureza humana. Trata-se do que o psicólogo e teórico da linguagem canadense Steven Pinker, hoje professor em Harvard, nos Estados Unidos, chamou de “o instinto da linguagem” no seu livro homônimo, *The Language Instinct*. Conforme diz Ludwig Wittgenstein em *Investigações filosóficas* (§89), talvez a linguagem seja tão difícil de entender por ser tão familiar para nós. Não à toa tem sido um dos temas centrais da filosofia desde o seu início, na Grécia Antiga.

Tradicionalmente, há *dois grandes conjuntos de problemas* em torno dos quais se desenvolve a maior parte da discussão filosófica e teórica sobre a linguagem. O *primeiro* diz respeito à relação entre a *linguagem* e a *mente*, ou o *pensamento*. Seria a linguagem sempre a expressão de um pensamento previamente constituído que se manifesta, se explicita, linguisticamente? Ou seria a linguagem uma forma de compreender o pensamento, de se ter acesso a ele? Steven Pinker deu a seu livro *The Stuff of Thought* (A substância do pensamento) o subtítulo de *Language as a Window into Human Nature* (A linguagem como uma janela para a natureza humana) porque, segundo ele, retomando Descartes no *Discurso do método* (parte V), só os seres humanos têm linguagem. Nesse tipo de concepção, examina-se sobretudo o *sujeito linguístico*, aquele cujo pensamento se expressa pela linguagem.

O *segundo* conjunto de problemas consiste em considerar a linguagem usada na *comunicação*. A linguagem é sempre utilizada para fazermos algo e, em um sentido amplo, nos comunicarmos com outros indivíduos que também a compreendem e utilizam. O foco desse tipo de investigação não reside tanto no sujeito linguístico, naquele que pensa e usa a linguagem para expressar seus pensamentos, mas na prática da linguagem como comunicação para *interação* entre os seus usuários. A linguagem é, assim, segundo o filósofo alemão Jürgen Habermas, *intersubjetiva*, por ser empregada como forma de interação humana – tema que o autor desenvolveu em um livro importante intitulado *Teoria do agir comunicativo*. Esse é o caminho que vamos explorar aqui.

A seguir esclareceremos alguns conceitos-chave que adotamos em filosofia da linguagem, começando pelo de *linguagem*. Linguagem não é o mesmo que *língua* (as chamadas línguas ou linguagens naturais: português, inglês, francês, árabe, latim, grego, hebraico etc.). Em um sentido também bastante amplo, a linguagem é um *sistema de signos*, sendo que o *signo* é tudo aquilo que tem significado e, ainda em um sentido amplo, aquilo que indica ou remete a outra coisa. Por exemplo, a palavra “rosa” remete a uma determinada flor como se fosse um dedo indicador apontando para o objeto “rosa”.

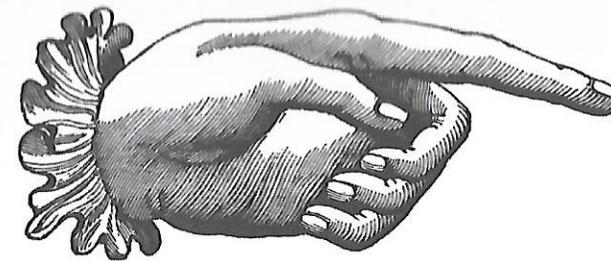


Figura 1: O gesto de apontar pode ser tomado como paradigma do signo. No caso do dedo indicador, nosso olhar não se fixa no signo, mas naquilo a que ele remete. Tal qual o dedo indicador, o signo tem sempre a função de indicar.

Diversos filósofos e teóricos da linguagem deram respostas diversas e às vezes divergentes a essas questões. Encontramos nas várias teorias diferentes definições desses conceitos de signo, de significado etc. As principais serão examinadas a seguir.

A linguagem escrita sumeriana é considerada a mais antiga que conhecemos. Data de cerca de 1700 a.C. e foi adotada na Suméria, uma das primeiras civilizações a se desenvolver na Mesopotâmia. Pictogramas e hieróglifos como os do Antigo Egito são anteriores, datando de cerca de 3 mil a.C. Porém, novas descobertas arqueológicas têm permitido datar o início da escrita pictográfica em períodos ainda anteriores a esse.

Os paleontólogos e antropólogos acreditam que uma das características centrais da evolução da espécie humana foi a capacidade de usar a linguagem para se comunicar, o que teria ocorrido com o *Homo sapiens* por meio da modulação dos sons proferidos, que se tornaram, assim, um instrumento de comunicação. Isso teria acontecido há cerca de um milhão de anos graças a mudanças fisiológicas, como o rebaixamento da laringe. O uso da linguagem com proferimento de sons teria surgido ao mesmo tempo em que o *Homo sapiens* passava a produzir símbolos, usando objetos, marcas, instrumentos para se comunicar e realizando uma série de atividades que hoje podem ser entendidas como sendo o início da cultura.

É por esse motivo que o antropólogo americano Clifford Geertz diz, em *A interpretação das culturas*, que a “cultura inventou o homem”, e não o homem a cultura, já que é só após esse momento e essa modificação evolutiva fundamental que se pode falar, de fato, em “espécie humana”. O uso de instrumentos e a atribuição de valor simbólico a determinados sons e a outros tipos de signos não foram algo que tais seres concretizaram e a partir daí criaram a cultura. Ao contrário, à medida que aqueles foram sendo concretizados é que foi possível aos seres humanos se transformar.

O surgimento da escrita se deu nas sociedades que primeiro se estabilizaram economicamente, sobretudo a partir da produção agrícola de alimentos, caso do Antigo Egito, da Mesopotâmia e de regiões da Índia e da China. Essa estabilidade deu origem às primeiras cidades e aos primeiros reinos com administração centralizada. As primeiras escritas foram um reflexo da necessidade de se registrar os movimentos da produção e do comércio (colheitas, armazenagem, trocas etc.), os impostos, os decretos reais e o culto aos deuses.

São duas as necessidades básicas ligadas à função da linguagem que podem explicar o surgimento da escrita. A necessidade de memorizar, isto é, de fixar algo a fim de garantir a permanência das informações; e a necessidade de comunicar, a fim de que o registrado seja entendido, transmitido, divulgado. O Código de Hamurabi, gravado em pedra por volta de 1700 a.C. e originário da Babilônia, hoje no Museu do Louvre, em Paris, ilustra o uso da escrita para fins legais e administrativos. É o mais antigo conjunto de leis a chegar até nós. No Antigo Egito, os escribas tinham grande importância, já que eram os responsáveis pela escrita numa sociedade em que poucos a dominavam.

A função dos símbolos precede a sua sistematização na escrita, porém é muito difícil reconstruir o significado desses símbolos. Alguns especialistas não concordam que símbolos feitos pelo homem pré-histórico – como marcas, pictogramas ou desenhos, entre eles os descobertos nas



Figura 2: Calendário maia: seria esta uma forma de escrita?

cavernas de Altamira, na Espanha, e de Lascaux, na França (ambos de cerca de 20 mil a 10 mil anos a.C.) – devam ser considerados linguagem, porque faltaria a eles uma sistematização. Nesse sentido, apenas a existência de regras de combinação dos símbolos, empregadas de maneira regular e sistemática, caracterizaria a linguagem. E isso só ocorreu muito posteriormente.

É por isso que certos estudiosos, entre os quais o linguista americano Noam Chomsky, não acham que os animais possuem linguagem, ainda que se comuniquem por meio de sons e gestos. O argumento é que eles não usam regras que formem um sistema. Portanto, segundo essa concepção, não basta haver interação ou comunicação para que haja linguagem, é necessário também que isso se dê dentro de um sistema estruturado de signos com regras reconhecíveis e transmissíveis.

Entre os povos das Américas também verificamos formas de escrita pictográfica praticada antes dos Descobrimentos, sobretudo entre os aste-

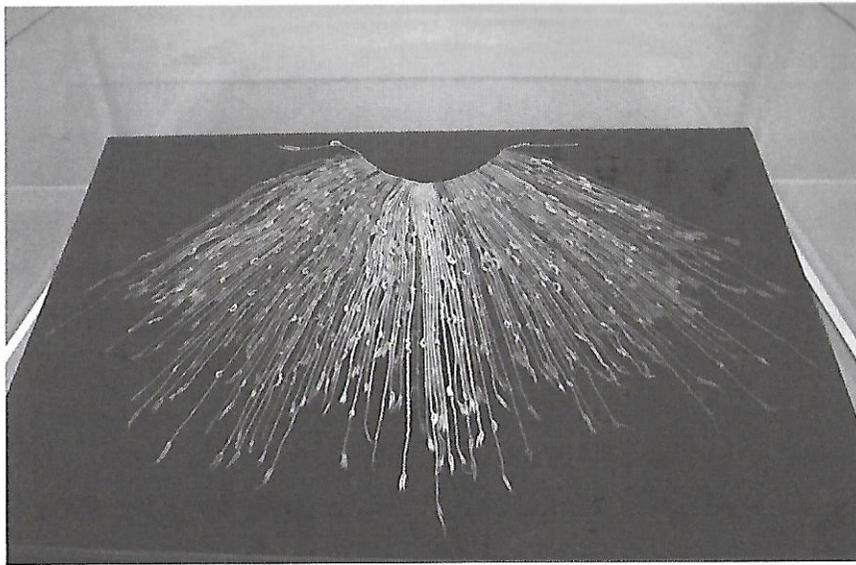


Figura 3: O *quipu*, “escrita” inca até hoje não decifrada, apesar de numerosos estudos em torno do assunto. Há vários bancos de dados criados por grupos de pesquisa sobre esse tipo de escrita, dentre eles: khipukamayuk.fas.harvard.edu/

cas e os maias. Os calendários maias seriam um bom exemplo de escrita, já que seus pictogramas permitiam o registro da passagem do tempo e a realização de cálculos.

Um caso bastante particular é um tipo de escrita criado pelos incas, no Peru, à época da conquista espanhola, no século XVI. Trata-se do *quipu*, um conjunto de nós dados em cordões de fibra que permitia registros de todo tipo – comerciais, legais e até religiosos – e que era utilizado com frequência pelos “escritas”, encarregados de produzir e decifrar esses *quipus*. Tendo sido proibida pelos espanhóis, essa escrita se perdeu logo depois da conquista e, embora restem alguns exemplares em museus de Lima, ninguém jamais conseguiu decifrá-la.

A questão levantada parece ser: é possível escrever “sem palavras”? A escrita alfabética pode ser considerada privilegiada em relação às demais formas de representação? Pode representar melhor a complexidade por ser

mais abstrata? Em nossa cultura há uma série de outros sistemas simbólicos, também chamados de *semióticos*, que se prestam à constituição e transmissão de significado. É o caso da sinalização de trânsito e do código de bandeiras empregado na navegação marítima. A pintura de guerra dos índios e as flâmulas e brasões dos cavaleiros medievais também são linguagem, uma vez que indicam, respectivamente, que os índios estão preparados para a guerra e que cada cavaleiro tem uma determinada origem. Assim, funcionam como sistemas semióticos.

ALFABETO BRAILLE, PONTUAÇÃO E OUTROS SINAIS

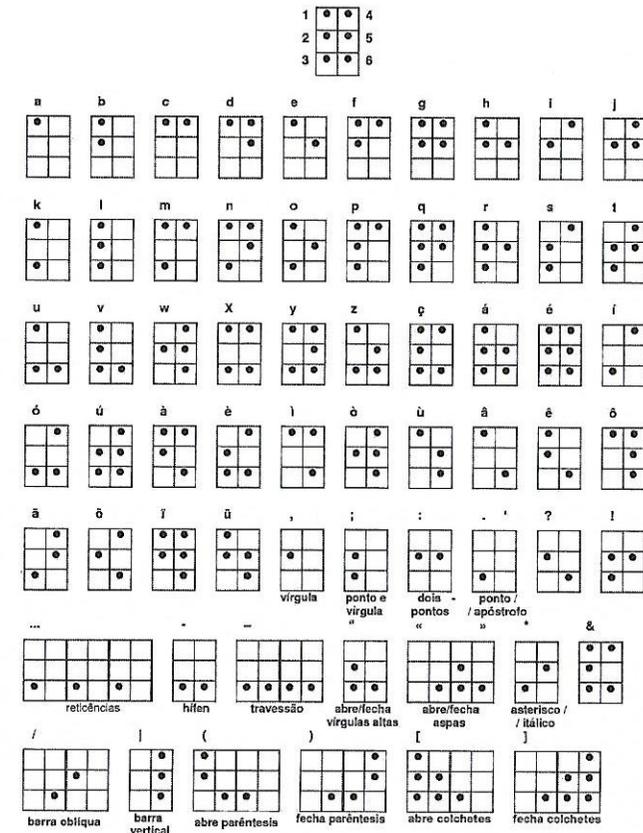


Figura 4: O alfabeto braille é uma escrita alfabética em que letras são representadas por pontos em alto-relevo de modo a possibilitar sua leitura pelo toque.

Outro exemplo é a escrita braille para os cegos, inventada em 1784 pelo francês Valentin Haüy, de quem Louis Braille foi discípulo. Esse sistema é, no fundo, uma escrita alfabética representada por pontos em alto-relevo passíveis de serem lidos pelo toque.

Alguns autores, já na Antiguidade, caso dos filósofos estoicos e de santo Agostinho (sob a influência daqueles), distinguem *sinais naturais*, tais como a fumaça que indica a existência de fogo, de *sinais convencionais*, como uma escrita alfabética, ou ainda a águia que representava Roma e a coruja que simbolizava Atenas. Expressões faciais também possuem significado, expressam sentimentos e emoções que são parte do processo de comunicação.

Um bom exemplo de linguagem simbólica são os mapas, que lançam mão de uma série de convenções para representar a realidade de um ponto de vista geográfico. Assim, podemos fazer corresponder os pontos que estão no mapa (estradas, cidades, rios, montanhas, lagos etc.) à realidade para que nos sirvam de orientação, respondendo à nossa necessidade de saber onde estamos. A linguagem da cartografia é um dos melhores exemplos de tentativa de representação realística da realidade em um sistema simbólico, ainda que ao longo do tempo as convenções cartográficas mudem.

Vemos então que até mesmo sinais aparentemente naturais, como expressões faciais e gestos, ou mapas que pretendem representar realisticamente a realidade, dependem, para serem compreendidos, de um processo de interpretação que é essencialmente *cultural*. O conceito-chave que reside aí é o de *interpretação*. O significado só pode ser construído e transmitido, comunicado, de acordo com determinadas convenções sociais, e, por consequência, como parte de uma cultura. E são os membros dessa cultura que são capazes de interpretá-los, compreendê-los, utilizá-los. Podemos “nos comunicar”, ou seja, constituir significado sem palavras, ou sem escrita, ou sem linguagem alfabética. Porém, não podemos fazê-lo fora de uma cultura. É por isso que escritas como os *quipus* permanecem até hoje indecifradas.

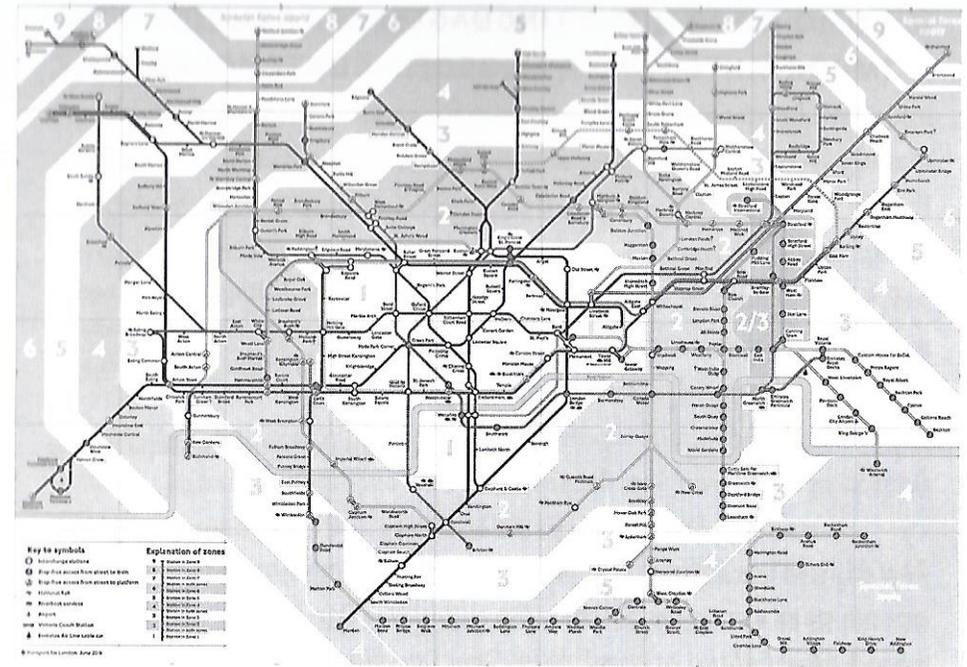


Figura 5: O mapa do metrô de Londres é um dos bons exemplos de linguagem não verbal. É de grande utilidade para seus usuários e é fácil de ser lido, mas não é uma representação realística, por exemplo, quanto às distâncias entre as estações.

Não seria então possível uma linguagem universal, uma linguagem do ser humano inata, presente em nossa natureza, anterior às diferenças culturais e que serviria de base a todas as línguas concretas? A linguagem antes de Babel? Essa é uma das grandes questões, ainda hoje polêmicas, enfrentadas pelos especialistas em linguagem.